

**IDENTIDADE, APRENDIZADO E LETRAMENTO
A SOCIEDADE LÍQUIDA
VISTA EM UMA ESCOLA BAIXADENSE**

Ramila Melo Botelho Granja (UNIGRANRIO)

ramilagranja@yahoo.com.br

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)

idfrazao@uol.com.br

1. Introdução

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar como os letramentos marginais²⁵ podem influenciar positivamente tanto fora da escola quanto dentro da escola. A partir desta perspectiva, vê-se a necessidade de analisar esses contextos que são normalmente trabalhados extramuro da escola, mas que podem facilmente ser inseridos dentro da mesma, tornando assim o aprendizado das letras mais agradável e quem sabe mais produtivo.

Há algum tempo autores renomados já vem pesquisando e buscando formas de inserir a formação identitária do aluno para dentro do ambiente escolar, verificando as formas de letramento existentes a partir de uma cultura menos privilegiada, mas que faz parte da experiência desse alunado e não deve e não pode ser deixada de lado no momento da formação escolar.

Desta forma, a presente pesquisa apresenta-se como instrumento de análise de como a cultura e a identidade de um indivíduo e/ou do grupo a que pertence pode acrescentar na construção do saber da língua portuguesa, e ainda, em sua formação como cidadão. Além de explorar situações inovadoras que podem auxiliar no aprendizado e na prática da língua.

Ao mesmo tempo que se pretende analisar a cultura, tem-se a preocupação de investigar a identidade desses alunos quanto sujeitos pertencentes a uma sociedade, suas preferências seculares e a “liquidez” de seus relacionamentos, sejam escolares ou pessoais, tem-se também a “ousadia” de verificar de modo simples e superficial o quanto o ensino

²⁵ Entende-se por marginais, letramentos que são formados a partir da identidade do indivíduo, sua classe social e, fundamentalmente são produzidos fora do ambiente escolar.

tem se tornado ao longo do tempo, um produto “fast food”²⁶, rápido e sem muito conhecimento, apenas o suficiente para ler e escrever. Para tanto, vê-se a necessidade de citar Bauman em suas pesquisas sobre a fluidez das relações e Hall, numa perspectiva mais voltada para a identidade e alteridade. E Melucci para questões importantes no estudo dos jovens enquanto protagonistas de conflitos.

Assim, considerando-se a confluência das questões sobre movimentos sociais e letramento é possível ampliar ao mesmo tempo as discussões sobre o ensino de língua materna em situações específicas, ou seja, grupos envolvidos em práticas particulares de letramento que os constituem nos diversos aspectos da vida e a relação desses indivíduos com sua comunidade, e sua participação quanto sujeito que produz e transforma a partir de seus movimentos sociais.

Neste trabalho, toda essa verificação e discussão se dará a partir de uma pesquisa qualitativa e interpretativa feita em uma escola estadual da Baixada Fluminense, onde os sujeitos pesquisados serão jovens do ensino fundamental regular noturno. Levar-se-á em consideração a história e a memória da Escola Estadual Monsenhor João Musch, sua localização e público discente nos dias de hoje, e a importância do movimento *hip hop* como forma de letramento extraescolar constituinte da identidade desse público, contribuindo assim para um aperfeiçoamento do ensino e a aprendizagem da língua portuguesa.

2. Memória e historicidade da Escola Estadual Monsenhor João Musch

Localizada no centro urbano do município de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, a escola possui infraestrutura adequada ao recebimento dos alunos e professores, tem todos os recursos possíveis para um bom aproveitamento tanto por parte de discentes quanto docentes. É considerada uma escola de pequeno porte, e para tanto é vista como acolhedora e agradável.

Iniciou seu funcionamento na década de 1950. Embora a data de criação da escola seja 7 de março de 1966, a escola já funcionava em outro endereço, num casarão antigo oferecendo o ensino de CA a 5ª série.

²⁶ Ensino fast food é aquele onde não há uma preocupação efetiva com a transmissão do mesmo. O conteúdo é passado de forma breve e sem profundidade em relação aos pormenores das matérias.

O primeiro nome adotado foi Escola Dois da Cidade, pois foi a segunda escola a ser criada na cidade. Alguns anos mais tarde, passou a chamar-se Escola Estadual Monsenhor João Musch.

O público discente neste período eram os filhos de comerciantes locais e que possuíam certa influência nas decisões da cidade. Portanto, um alunado com certo poder aquisitivo, e que na escola formalizava e concretizava a leitura e escrita advindas de uma classe mais refinada, portanto, nesta época, o ensino da língua portuguesa era voltado mais para uma linguagem mais culta, mais elitizada, com uma maior preocupação quanto às regras e suas aplicações.

Hoje, ao contrário do que era quando a escola foi inaugurada, tem-se um público com problemas de aprendizagem e comportamento e, ainda, mais carente, seja na área financeira ou afetiva, e que já traz de seu ambiente familiar uma linguagem mais coloquial, mais despreocupada com a gramática da língua portuguesa, portanto, uma linguagem mais frágil quanto ao aprofundamento de regras e, por conseguinte, leitura e escrita, na maioria das vezes, prejudicadas por não ter o básico da língua.

A escola como todas as outras do estado do Rio de Janeiro tem como base, o currículo mínimo fornecido pelo órgão de Educação, mas que muitas das vezes o aluno não se interessa em estudar por se tratar de conteúdos mais elitizados e voltados para uma realidade que muitos desses alunos não conhecem. Daí a importância de inserir nas aulas estratégias que possam ser facilitadoras da aprendizagem como, por exemplo, o letramento de reexistência (SOUSA, 2011) e a inclusão da cultura e da identidade desses alunos para que as aulas de língua portuguesa sejam atrativas e mais “sólidas” (BAUMAN, 2001).

3. *Letramento de reexistência, rap e identidade*

Letramento de reexistência traz, além do termo “reexistência” – qualificado por Roxane Rojo para referir-se aos agentes de letramento que criam condições alternativas e que também formam pessoas para tal, uma perspectiva a mais de um termo que muito tem se falado nos dias de hoje. O letramento de reexistência foi apontado por Souza (2011, p. 33) como resultante da reinvenção de práticas e papéis sociais “que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e aos rastros de uma história ainda pouco contada, que comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não”. (SOUZA, 2011, p. 33)

Este tipo de letramento é percebido pelos adolescentes, analisando seus impactos dentro da sala de aula, através da utilização de raps como um dos instrumentos de aprendizado dos conteúdos propostos pelo currículo mínimo da rede estadual de educação do Rio de Janeiro.

O letramento pressupõe inserção e participação na cultura escrita. É a convivência com as diferentes manifestações da escrita na sociedade, ligadas às diversas práticas sociais às quais o indivíduo está sujeito ao longo de sua vida. A construção da identidade social de uma pessoa, um grupo ou uma classe se dá de forma tensa e contraditória, numa eterna disputa por lugares socialmente legitimados.

Antes de iniciar a pesquisa nas questões do letramento e identidade, há a necessidade de uma breve apresentação do que é o *rap* e como surgiu e quando chegou ao Brasil.

O *RAP* pode ser definido como um estilo musical que combina elementos da modernidade tecnológica com a oralidade, forma tradicional de linguagem. O conteúdo das letras parte do cotidiano de uma imensidão de pessoas, frequentemente marginalizadas, excluídas de seus direitos sociais mais elementares, para descrever com poesia aquilo que seria aparentemente desprovido dela. Observa-se, então, a poesia oral como uma forma de interagir com a sociedade, valendo-se da linguagem em sua função social de informar, denunciar e conscientizar.

No Brasil, o movimento hip hop teve início na década de 80. Não obstante, sua trajetória ainda não se encontra definida e registrada de forma sistematizada. Magro (2002, p. 68) explicita que:

No Brasil do final dos anos 80, o movimento *Hip Hop*, especialmente musical *RAP*. Tornou-se para os jovens das periferias urbanas um meio fecundo para mobilização e conscientização. Muitos grupos de *RAppers* foram criados, ocupando o espaço de articulação e atuação no campo social, para reivindicar o direito de ser cidadão, participar do mercado de trabalho e para lutar contra a violência e a discriminação.

Nesta direção, especificamente no que se refere aos sujeitos produtores de *RAP*, verifica-se que o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os sujeitos buscam demarcar uma identidade, construindo um determinado olhar sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca.

É preciso atentar também para a crise de identidade que se instala na modernidade, e cujas repercussões determinam também a produção das manifestações poéticas, orais e escritas.

Nesta linha de pensamento, Sposito (1994, p. 53) confirma a característica do RAP como um “produto da sociabilidade juvenil (...) capaz de mobilizar jovens excluídos em torno de uma identidade comum.” Sob este entendimento, verifica-se, no caso da análise que vem sendo apresentada, que o estilo é utilizado não somente como forma de comunicação e de expressão, mas também como um posicionamento diante de seus pares e dos outros atores sociais que integram a sociedade.

Neste ponto, cabe acrescentar, uma citação de Dayrell (2005, p. 61), que:

O estilo RAP estimula o jovem a refletir sobre si mesmo, sobre seu lugar social, contribuindo para a resignificação das identidades do jovem como pobre e negro. Ao mesmo tempo, ele cria uma forma própria de o jovem intervir na sociedade, por meio das suas práticas culturais.

A este respeito, busca-se respaldo em Hall (2000, p. 7), quando se afirma que o processo de mudança social acaba por deslocar “estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.”

Visto isso, a identidade precisa criar mecanismos que a definam, mesmo que temporariamente. Bauman (2005, p. 22) coloca a questão como “um objetivo” a ser perseguido, uma noção a ser estabelecida provisoriamente ou ainda uma escolha que pressupõe uma permanente vigília pela defesa das suas características.

Para Hall (2000, p. 105) esses mecanismos somente podem ser alcançados por meio da linguagem e tendem a “rearticular a relação entre sujeitos e práticas discursivas”, neste ponto é que recaem as questões da identidade, como um processo linguístico contínuo de criação/construção no qual são estabelecidos certos expedientes como “recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la” (HALL, 2000) além da presença do “outro” como baliza dessas construções.

A atividade linguística, de onde emergem as representações é, portanto, considerada constituinte das identidades sociais “por meio de ações enunciativas inseridas num dado discurso”. O lugar ocupado pelo sujeito ao fazer uso da linguagem o identifica “materializando (e atualizando) relações de nomeação e de poder inscritas na língua” (MATÊNCIO, 1995, p. 241).

É nessa perspectiva, portanto, que o letramento é considerado como prática social e se relaciona com a cultura, ligada à identidade e ideo-

logia. As práticas de letramento construídas “por outros agentes em outras instituições ou agências de letramento, podem ser até mais bem-sucedidas no processo de introdução da cultura letrada” (KLEIMAN, 2005, p. 10).

4. Cultura, juventude e escola

A cultura, diz Santos (1986, p. 50) “[...] é uma dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso”. A cultura “[...] faz parte de uma realidade onde a mudança é um aspecto fundamental” (SANTOS, 1986, p. 47). Diversas são as formas de linguagens verificadas na vida social dos grupos humanos. Razão por que toda essa diversidade de usos e sua variabilidade no ambiente social em que ocorrem, precisa ser conhecida para se poder buscar, construir teoricamente uma re(a)presentação de linguagem condizente com a realidade re(a)presentada.

Na construção cultural de um povo ou de um grupo, também não há passividade. Trata-se de um processo de constantes enfrentamentos e negociações, numa relação assimétrica de poder em que as referências se tocam, se chocam e se mesclam. Essas referências podem ser constantemente vistas na escola, o aluno – jovem – procura levar ao ambiente escolar seus gostos e tudo que está inserido em sua comunidade, repassando aos outros o seu comportamento e se tornando também um formador de opinião. Caso a escola venha limitar esse jovem em sua transferência de conhecimentos extramuros, o próprio alunado e também por que não dizer a escola, perdem na questão da aproximação dessa linguagem tão particularmente retratadas por esses jovens e que muito pode somar no aprendizado dos mesmos. É necessário reconhecer nos dias de hoje, que a cultura, mesmo que não elitizada tem muito a contribuir na vida escolar do indivíduo, (chega a ser uma questão de alteridade) e até mesmo tornar um cidadão mais cumpridor de seus deveres e conhecedor de seus direitos. Pois, o que se tem visto em algumas escolas, e na escola estadual Monsenhor João Musch, não é diferente, que apesar de toda dificuldade enfrentada pelos alunos nas questões financeira, familiar e escolar, é uma juventude engajada nas causas sociais, que busca ajudar o próximo e se insere em ONGs em suas comunidades para tentar conseguir meios de diminuir as carências vividas por estes. A sensibilidade juvenil em ajudar o outro parte daqueles que se encontram no próprio limiar da exclusão, por conta de vários fatores e para tentar denunciar ou buscar soluções pa-

ra seus problemas, estes jovens acabam por fim, escrevendo letras de rap para mostrar a todos seus problemas e pensamentos. Sendo assim, uma forma legítima de chamar atenção da sociedade para suas causas. E é nesse ponto que o letramento de reexistência (SOUZA, 2011) é inserido em sala de aula. Utiliza-se como recurso de aproximação desses alunos e mostra a eles que suas experiências extraclasse também são reconhecidas como conteúdos que podem auxiliar no desenvolvimento do ensino.

Ainda na questão do rap, a ideia que se tem é que a escola deixe de ser segregadora e cumpra sua função prioritariamente, que é a formação escolar do indivíduo dando a ele condições favoráveis de crescimento intelectual e o ajudando a ser um futuro cidadão cumpridor de suas responsabilidades. “Que pode transformar o sentido da escola no projeto de vida, ao dar um novo significado para o conhecimento, para a informação e para a cultura”. (SPOSITO, 1994b)

Trata-se de pensar a escola como mais um dentre os espaços propícios à constituição de sujeitos que tentam compreender sua presença no mundo e buscam construir projetos em condições desafiadoras e adversas impostas pela sociedade atual. (SPOSITO, 1994)

Melucci alerta para questões importantes no estudo dos jovens enquanto protagonistas de conflitos. Para tanto, transcrevo suas observações:

A interrogação implícita nas diversas pesquisas sobre a condição juvenil é se os jovens são sujeitos potenciais de ação coletiva antagonista. A pretensão ou a esperança é de encontrar resposta para esta interrogação a partir de uma compreensão aprofundada da condição e da cultura juvenil na sociedade contemporânea. Uma similar esperança é, porém, desiludir-se porque se encontra com um problema insolúvel como se passa da condição para a ação, como se forma um movimento que tem por atores jovens? Não se sai do impasse senão invertendo os termos do problema. A ação não se deduz pela condição social. Ocorre, ao contrário, muda completamente o procedimento. É necessário identificar em nível sistêmico os problemas que estão no centro dos conflitos sociais, os campos sobre os quais se joga o confronto para o controle de recursos decisivos. Só a partir daqui é possível perguntar-se quais elementos da condição juvenil são suscetíveis de ativar, em certas condições conjunturais, uma ação coletiva, transformando este grupo em ator de conflitos. (MELUCCI, 1991, p. 84, tradução livre)

Ao pensar nas formas de ação coletiva protagonizadas por jovens e de suas possíveis relações com o campo de estudo dos movimentos sociais, parece mais apropriado tratá-las como “redes conflituosas” que seriam “formas da produção cultural” ou seja, ativação de condutas em tor-

no de conflitos, mesmo que em práticas ainda emergentes (MELUCCI, 1997, p. 6).

5. *A escola líquida*

Após toda essa reflexão sobre letramento, cultura, juventude e rap; somente falta traçar o perfil do público discente pertencente à escola em questão, e como a educação tem se tornado frágil quando se fala em conteúdos.

A metáfora da liquidez usada por Bauman explicita de forma bem objetiva a dinâmica com a qual, não só as relações humanas, mas o campo econômico e político se apresentam no que ele próprio chama de “Modernidade Líquida”.

Essa “fluidez” associada à sociedade contemporânea tem suas consequências não só nas relações afetivas, mas em tudo que pode se tornar rápido e fragmentado. E sem a profundidade necessária e a preocupação em algo consistente e valoroso, a escola acaba se tornando um dos pontos de maior fragilidade nos dias de hoje. A questão está no “ensino *fast food*”, aquele que os professores ministram, muitas das vezes, um conteúdo básico que serve somente para atender expectativas superficiais. Há hoje uma preocupação com a agilidade em passar conhecimentos, mas por conta dessa rapidez exagerada, determinados conteúdos que deveriam ser aplicados com mais tempo, são vistos em poucos tempos de aula. E é nessa questão, que percebe-se a fluidez citada por Bauman em muitos de seus livros, e chega-se a pensar numa relação também de fluidez/liquidez dentro do ambiente escolar.

Neste ponto, acabe acrescentar uma citação de Bauman sobre a fluidez:

Estamos agora passando da fase sólida da modernidade para a fase fluida. E os fluidos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. (BAUMAN, 2011, p. 57)

6. *Considerações finais*

Após esta breve reflexão, pôde-se entender como as identidades sociais dos indivíduos são legitimadas ou negadas dentro do ambiente

escolar por meio das práticas de letramento. Identidade, cultura e letramento são práticas sociais e como tais relacionam-se com as atividades dos falantes na sua vida social.

Como já foi citado, a cultura, enquanto uma dimensão social, constitui-se em um processo, algo dinâmico, e na dimensão mais ampla do social. O conceito de identidade tem a ver com processo de reconhecimento ou conhecimento pelo outro.

Unindo as formas de expressão ao letramento, tornando intrínseca a utilização de linguagens extraescolares como forma de comunicação, interação e até de escolarização.

Considerando esse contexto observa-se os fatores sociais presentes no Rap que pode ser considerado uma forma privilegiada de o jovem expressar sua posição em uma sociedade que nem sempre contempla as diferenças, tornando-se sujeito e agente de letramento com grande força expressiva.

Fica bastante claro, a mudança dos tempos de solidez para uma modernidade líquida e fluida, segundo Bauman. A liquidez é uma característica da contemporaneidade que marca de forma significativa os relacionamentos humanos. Desta forma o ensino líquido tal como é vivenciado nas escolas, mostra a importância de se ter um ensino mais substancial que faz com que o aluno possa ter um aprendizado mais completo dentro do ambiente escolar.

Partindo do conceito de liquidez, tornou-se também importante dizer que o público discente da Escola Estadual Monsenhor João Musch, sofreu uma mudança bastante significativa em relação ao início de seu funcionamento. Foi necessário ressaltar que no período de abertura, o público discente era de uma classe mais elitizada e que se tinha uma maior preocupação com o ensino de uma forma geral; e que hoje, contrariamente, o público é carente tanto nas áreas financeira quanto afetiva e que não possui muito conhecimento dos conteúdos abarcados pelos professores. O que nos traz a comprovação da fluidez de Bauman dentro do ambiente escolar. Um ensino rápido e sem muita profundidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o funk e o rap na socialização da juventude*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KLEIMAN, Ângela Bustus. Introdução: modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995, p. 15-61.

_____.; MATÊNCIO, Maria de Lourdes Meirelles (Orgs.). *Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. Adolescentes como autores de si próprios cotidiano, educação e o hip hop. *Caderno Cedes*, vol. 22, n. 57, agosto 2002.

MELUCCI, Alberto. *L'invenzione del presente*. Bologna: Il Mulino, 1991.

_____. *Il gioco dell'io*. Milão: Saggi/Feltrinelli, 1992.

_____. *Passagio d'epoca*. Milão: Feltrinelli, 1994.

_____. *Challenging codes*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

_____. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Juventude e contemporaneidade*. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPEd, nº 5 e 6, 1997.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

SANTOS, José Luiz. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos)

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: Poesia, grafite, música, dança: hip-hop*. São Paulo: Parábola, 2011.

SPOSITO, Marília Pontes. *O povo vai à escola*. São Paulo: Loyola, 1984.

_____. *A ilusão fecunda: a luta por educação nos movimentos populares*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social. Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, vol. 5, nº 1 e 2, 1994a.

_____. Violencia colectiva, jóvenes y educación. *Revista Mexicana de Sociología*. México: Instituto de Investigaciones Sociales, nº 3, 1994b.

TOURAINE, Alain. *La production de la société*. Paris: Seuil, 1975.

_____. *El regreso del actor*. Buenos Aires: Universitaria, 1987.

_____. Os novos conflitos sociais: para evitar mal entendidos. *Revista Lua Nova*. São Paulo: CEDEC, nº 17, 1989.

_____. La formation du sujet. In: DUBET, F.; WIEVIORKA, M. *Penser le sujet: autour d'Alain Touraine*. Paris: Arthème Fayard, 1995, p. 21-45.